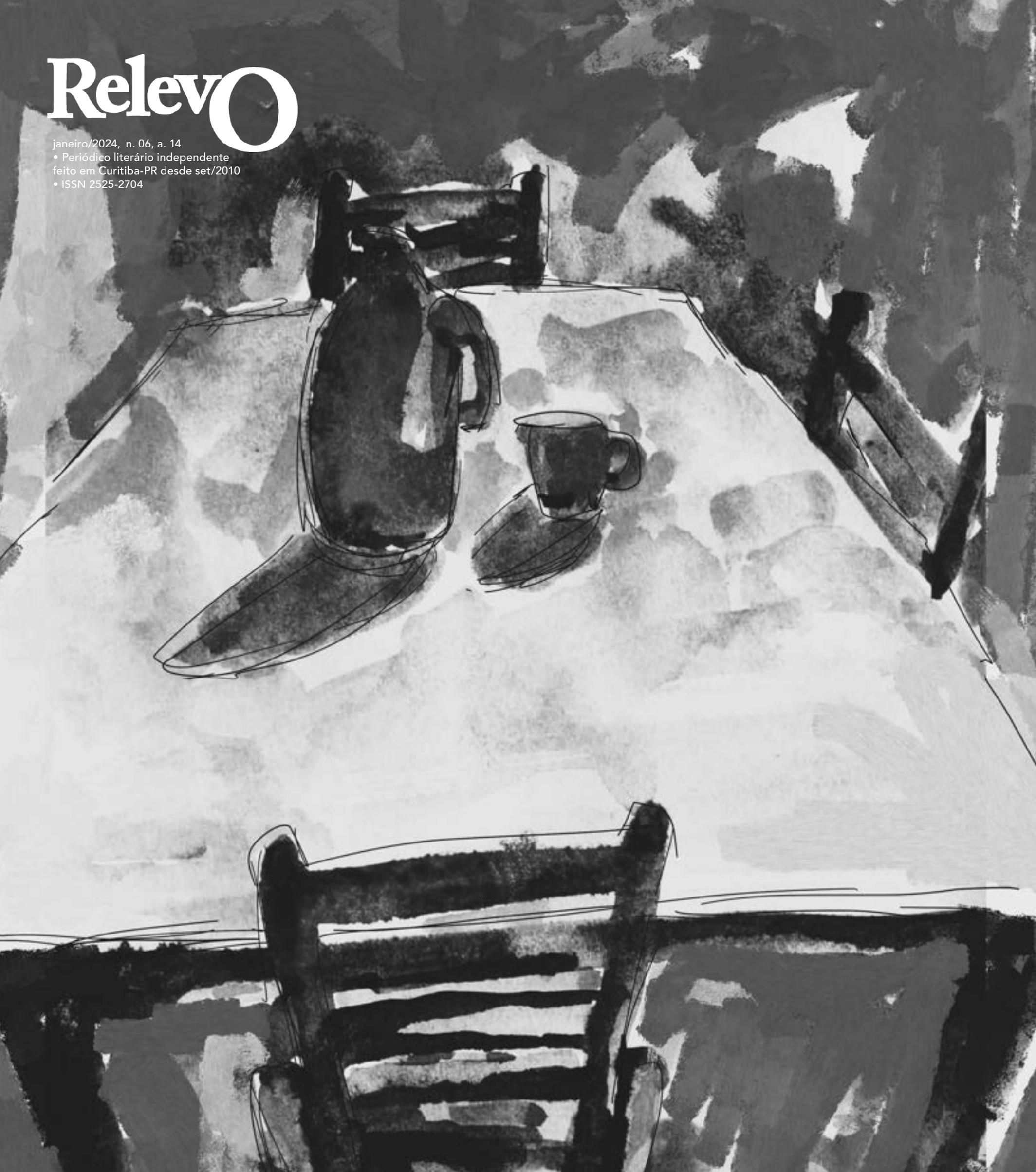


Relevo

janeiro/2024, n. 06, a. 14

• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010
• ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de **Maria Barbieri**. Você pode conferir mais do trabalho dela em [instagram.com/mariadodesenho](https://www.instagram.com/mariadodesenho).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 100 Ben-Hur Demeneck; Eduardo Barchiesi; Nuno Rau; Wesley Ferreira; R\$ 105 Cláudio Viana; Idianara Lira Navarro; João Paulo Braune Guerra; Sumaya Lima; R\$ 120 Natali Gomes Vancini; R\$ 130 Pedro Luz; R\$ 140 Andreza Lanza Braga; Erlândia Ribeiro; Damaris Pedro; Daniel Montoya; Eduardo Bueno de Oliveira; Igor Livramento; Lia Lins; Lucas Reguelim; Mateus Netzel; Pedro Osório; Rafaela Silva; Rebeca Ribeiro Gomes; R\$ 150 Rômulo Cardoso; Victor Cruzeiro; R\$ 20 Leticia Luz; R\$ 200 Juarez Cognato; Rebeca Gomes; R\$ 40 Camila Lourenço; Renata Medeiros; R\$ 50 Nei Zuzek; R\$ 70 Adriano Lobão de Aragão; Adriano Rattmann; Antonio Ailton; Bolívar Escobar; Bruno Sanroman; Daniele Gomes Tavares; Enrique Correa de Moraes; Fernando Faisca Rosa; Flavio Ramos de Lima; João Paulo Hergesel; José Antônio da Silva; Julia Trovó; Juvêncio Braga; Lausamar Humberto Alves; Lausi Barcelos; Leda Lopes; Lilian Guinski; Lucas Kotovicz; Lucio Carvalho; Madelon Schizzi; Maria Beatriz de Oliveira; Massilon Silva; Menalton Braff; Michel Souza; Natan Schäfer; Nilton José Melo de Resende; Orjana Araujo de Freitas; Pedro Bertolin; Rita Apoena; Rodrigo Garcia Lopes; Rogério Skylab; Sandra Stroparo; Severo Brudzinski; Shara Lopes; Tiago Jonas; Victor Iannuzzi Corrêa; Whisner Fraga; Zeel Fontes; R\$ 80 Daniel Moraes; Francisco José Ramires; Sandro Ayres.

TOTAL: R\$ 6.570

ANUNCIANTES:

R\$ 400 Vitor Miranda; R\$ 200 Whisner Fraga; R\$ 150 Rita Alves; Rafael Estorilio; R\$ 140 Luiz Gustavo Vicente de Sá; Cripto Cultural; R\$ 100 Banca Tatuú; R\$ 70 Flesch Notes.

TOTAL: R\$ 1.350

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.280
Escritório: R\$ 300
Embalador: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 0
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Infografia: R\$ 60
Colaboradores de dezembro: R\$ 540

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 3.700

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 135

(+) Entradas totais: **R\$ 7.920**

(-) Saídas totais: **R\$ 8.315**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 395**

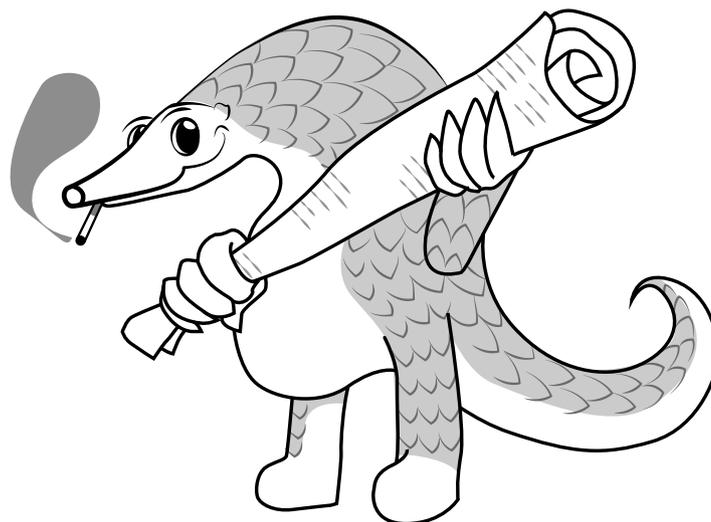
Janeiro/2024

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 22 de dezembro de 2023.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Eduardo Pereira
Fernanda Dante



[instagram.com](https://www.instagram.com)
[facebook.com](https://www.facebook.com)
[twitter.com](https://www.twitter.com)
[medium.com](https://www.medium.com)

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

CLUBE DO LIVRO

Raquel Valedorio Bom dia, Jornal! Seria possível vocês colocarem na Sessão de Cartas a informação a seguir? Gostaria de montar um clube do livro, totalmente gratuito, focado somente na leitura e nos livros. Podemos ler qualquer tipo de livros, qualquer um mesmo, de clássicos à clichês infantojuvenis. Caso alguém se interessar, pode me chamar no Instagram (@valedorio). Att.

EFICÁCIA HODIERNA

Helder Do Coutto Acuso hoje, 15 de dezembro de 2023, o recebimento do exemplar que me foi enviado em 23 de outubro. Viva a eficiência postal hodierna! Muito agradeço o cuidado do envio. Caros, aproveito para mencionar que a acolhida entusiasmou-me para a colaboração. Outrossim, o fato de não terem apreciado meu texto sobre gênero, seja em que significação o não tiver sido, muito me desencantou, mas não o suficiente que eu não vos desse mais nenhum relevo. Uma vez que há sempre relevos pelos terrenos que percorremos. E era tão pertinente para a edição, e onde esta foi circular. Mas relevo, e muito gostaria de contribuir para o relevo maior, se possível, do RelevO. E que essa efetiva participação me subscresse uma assinatura do Jornal. Estou a vosso dispor. Se quiserem pautar algum assunto, terei gosto. Entretanto, vos envio um poema de meu livro Antológicas, que fala da condição feminina, da sina de ser mulher [...]

DA EX-OMBUDSWOMAN

Amanda Vital Queridos, queria agradecer imensamente por esse ano de RelevO. Obrigada pelo espaço, pela oportunidade, pelo acolhimento e paciência. Peço desculpas se as colunas da seção não foram à altura do Jornal, que é incrível; não tinha feito nada parecido com isso antes, então foi um bocadinho desafiador. Mas eu me diverti muito! Um beijo e boas festas pra todo mundo por aí!

Rebeca Ribeiro Gomes Boa parte, pessoal. Me chamo Rebeca e ontem fiz a assinatura do Jornal pelo MercadoPago. Gostei muito de ler a edição de novembro; encontrei o periódico sendo distribuído na Livraria Pontes, em Campinas. O livreiro comentou que valia a pena levar um exemplar. Ele estava certo. Abraços!

GRANDES DIÁLOGOS

Jornal RelevO Onivaldo, aqui é o Daniel, fundador do jornal, que acha da ideia de, numa dessa, assinar o RelevO?

Onivaldo Pantene Só se me botar meu filho na batalha da aldeia.

COSTURAS DA VIDA

Victor Cruzeiro Foi um prazer ter encontrado vocês. O RelevO é parte da minha vida com a literatura, e do meu pai também (que publicou o primeiro livro dele pela Penalux depois de ver no Jornal!).

DOSES DE ESCROTIDÃO

Catarina Lara Resende Bom dia, Jornal! Desculpe-me a demora na resposta, a caixa de e-mail embolou junto com o final do ano. Vamos mais uma temporada! E sempre parabéns pra vocês. O Jornal tem doses raras e precisas de bom humor, acidez, escrotidão e crítica. Espero colaborar mais vezes. Abraço grande!

IMPRESINDIVELMENTE

Rita de Cássia Santos da Cruz Oi, Jornal, tudo bem? Vamos, sim. Gostaria de renovar a assinatura, mas gostaria que vocês a encaminhassem para um outro endereço, um presídio, uma Fundação, uma Casa, uma biblioteca pública ou algo do gênero. É que eu não estou conseguindo ler a versão impressa porque — já tentei várias vezes mudar isso — o carteiro joga o envelope no chão e o meu cachorro — imprescindivelmente — faz xixi no envelope. Eu já tentei negociar com o cachorro, mas também foi em vão, ele não gosta da tendência contemporânea da literatura brasileira. Então, tenho acompanhado vocês no site :)

RELEVO NA FLIP

Thássio Ferreira Foi doideira, mas foi lindo também! Viva o RelevO, viva a Casa Queer e que venha 2024! ❤️

Rozana Gastaldi Cominal Meu jornal favorito 😍 Uma delícia absorver as aventuras hercúleas para que o Jornal chegue até nós. Ansiosa e contando os dias para a edição mara de dezembro chegar 😍 Ainda sorvo os últimos pedacinhos do chocolate especial que vocês criaram. O Jornal é para os fortes!

Damaris Pedro Uma prensa! Como no século XV de Gutenberg 😊

Sebo do Lanati Que linda a edição de dezembro ❤️ O RelevO sempre arrasando.

Gilberto Marques Dois retratos a carvão que fiz durante a Bienal de quadinhos, para demonstrar os Blocos de Carvão da @derwentpencils_brasil, estiverem na edição do RelevO.

Adriana Vieira Lomar Um Jornal de heróis, ótimo, livre das panelinhas e ideologias!

Natalia Azevedo Sempre uma honra poder contribuir com um projeto TÃO LEGAL!

Mylena L. Queiroz Saiu no RelevO de dezembro o meu texto “Recadeiros da terra: pensar em confluência a partir da Caatinga”. Penso com Nego Bispo e o conselheirismo as desandanças dos “homens das letras”. O termo “Literatura Panfletária” é relativamente comum, no Brasil, nos círculos acadêmicos e de crítica literária, para se carimbar literaturas que, utilizando o conceito de panfleto, se apresentam como “materiais promocionais que levam informações importantes, de forma simples e direta”. Penso aqui certa ironia: o termo é basicamente restrito a produções literárias contemporâneas, como maneira pejorativa de apontar, quase que sem qualquer cuidado, obras de autores/autoras integrantes de grupos minoritários como meros panfletos. Meus agradecimentos especiais às turmas de Teoria da Literatura e de Literatura do Brasil Colônia, pelas reflexões de sempre.

Thelio Farias Sou assinante do Jornal e li o texto da Mylena L. Queiroz. Excelente! Parabéns!

Thays Albuquerque Acabei de ler o Jornal. Amei as reflexões sobre “literatura panfletária” e a proposta de desconstrução do cânone. Gostei demais das novas localizações para Euclides haha. Fiquei com vontade de ler mais, principalmente sobre essa relação de Bispo com Conselheiro, esse ponto me deixou bastante pensativa. Cheirin com vontade de te ler mais. (*A terra dar, a terra quer* já tá na lista de leituras desses dias.)

Bruno Ribeiro Pra cima! Texto FODA 🔥

Maria Clara Aquino Que bonito o processo de produção do Jornal!

13º

Pedro Osório Tchê, ontem mesmo caiu a parcela que faltava do décimo (10%, porque decidiram adiantar quase tudo em outubro e eu torrei fazendo mudança porque minha saúde dependia de sair de onde tava antes. Fecha parênteses) e tava pensando o que fazer com essa meia dúzia de pila que entrou, se botava pra render 5 reais em 10 anos ou jantava bem no fim de ano. Aí chegou o e-mail do Jornal, e já faz mais de ano que acompanho — e leio — as newsletters, mas sem grana pra assinar. Aí pensei em dar esse presente de Natal pra vocês e meter uma Assinatura de Patrocinador, aquela que é o jornal + distribuição + livro. Ainda rola? Só não queria fazer por MercadoPago da vida pra vocês também não terem desconto com taxa de manutenção. Se der pra fazer por Pix, me orienta aqui que já resolvemos! Abraço, tchê! Fico no aguardo aqui! Buenas, é isso! Bom final de ano pra nós! Sucesso e vida longa pro RelevO!

Teresa Silva Feliz Ano Novo pra vocês! Se quiserem tirar umas férias, por mim, tudo bem. Sugiro uma edição dupla janeiro/fevereiro para que vocês possam descansar. Desejo que essa situação melhore. Um abraço! P. S.: o meu exemplar de dezembro não chegou até agora, junto com o *Rascunho*. Se não tiverem como me enviar, tudo bem, leio on-line. Os Correios, nessa época, ficam horríveis.

Letícia Luz Oi, Jornal! Tudo ótimo e com vocês? Adoro ler os textos das newsletters e admiro muito o seu trabalho e a disposição. Apesar de gostar de ler, abandonei a literatura e fui lembrar desse gosto antigo depois de uma oficina de escrita — e então coloquei no radar para assinar o jornal em breve. Sei que é mais um trabalho, mas já pensaram em fazer um Apoia-se, por exemplo? Porque a nossa mente é bem doída, às vezes 70 reais assusta (não que eu ache caro), mas diluído mensalmente no Apoia-se, a pessoa esquece que está pagando ou deixa pra cancelar, mas sempre se perde no tempo. Abraços e muito obrigada!

2024: ficção de que começa alguma coisa

APOIADORES



ADVOCACIA

Um periódico impresso e de literatura: não precisamos nos alongar muito sobre o pressuposto de esta ser uma forma duvidosa de lidar com a presença e a contemporaneidade. Um jeito arredo que esconde, quem sabe, uma forma de preservar as memórias e de fugir da cultura do registro-pelo-registro. Pode não ser nada disso, e estamos apenas a empilhar textos ou justificar uma continuidade tal qual um colecionador de coçadores de costas, DVDs ou cadeiras em miniatura.

A síntese é: temos uma relação sincronizada com o tempo. Entre os dias 20 e 24 de cada mês, selecionamos os textos da próxima edição. Todo dia 25, nos mantemos nos preparativos técnicos, aquilo que chamamos de fechamento editorial. Dia 26... Temos que estar com a gráfica em dia. Entre 27 e 29, o Jornal tem de ir para a impressão. No primeiro dia útil do mês, Correios. Em 2023, apenas duas edições não respeitaram essa dinâmica: março e novembro (a última, por conta do feriado). As edições não são enviadas depois do dia 4 há mais de três anos.

Para que a nossa linha fina de atividades funcione, não podemos passar um dia útil sem arrecadar com assinantes e anunciantes. Mais do que um relógio, precisamos ser uma pequena caixa registradora literária. Para seguir a esteira que corremos regularmente, especializamo-nos em aprimorar etapas e nos tornamos obcecados por procedimentos. Em termos psicológicos, talvez sejamos um Jornal em mania. E 2023 foi um desafio tremendo-tremendo para a nossa forma de articular o caos natural do mundo.

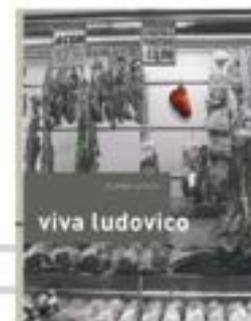
Tivemos prejuízo em sete dos 12 meses do ano. Em números mais diretos, o **RelevO** caiu de 1.020 assinantes em dezembro de 2022 para 920 em janeiro de 2024. Especulamos diversas justificativas ao longo do ano passado e acreditamos que não seja propriamente uma punição editorial. Temos produtos gratuitos, como a *Enclave* e a *Latitudes*, com *shares* muito bons, ao passo que os retornos de quem nos escreve ou segue nos assinando nos mobiliza para seguir fazendo o Jornal com os conteúdos de que gostamos.

Muitos dos assinantes que não renovaram conosco seguem consumindo nossas newsletters e até compartilhando esses materiais, o que nos leva a uma reflexão constante sobre o nosso modelo de negócio. Se fazemos conteúdos que interessam ao nosso público digital da base do Substack (aproximadamente 7 mil), mas não conseguimos assinaturas para o impresso — que paga nossas contas e os produtos editoriais que produzimos —, o que faremos se perdermos mais 100 assinantes em 2024?

Lógico que reconhecemos o **RelevO** como um periódico cabeça-dura: não arrecadamos dinheiro público; não vendemos espaço editorial; recusamos três propostas recentes do mercado de apostas on-line; temos um senso de humor estranho; não casamos assinatura com publicação de autor (aqui no gênero certo mesmo, pois 100% dos casos são homens)... Ainda assim, seguimos e conseguimos isso graças a uma base sólida de assinantes e anunciantes. Essa base segue nos apoiando, investindo, distribuindo e fazendo o Jornal atingir sua natureza essencial: chegar em leitores de literatura.

Em 2024, estaremos mais presentes em feiras e festivais. Ampliaremos a cobertura da *Latitudes*, que também trará notícias deste circuito de feiras e festivais. Produziremos mais conteúdo especial para o site. Abriremos a nossa lojinha, com produtos como camisetas, canecas e bolsas personalizadas. Tudo isso precisa muito do assinante do impresso, o nosso carro-chefe logístico, responsável por garantir a continuidade de nossas atividades. Estamos otimistas.

Uma boa leitura a todos.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Zeh Gustavo

CUIDADO: há um sambista na porta lateral!

Jards, o Macalé, já cantarolou: há um morcego, há um abismo na porta principal. Pega o fio: aos 15 anos nasci, sob o céu alaranjado da Gotham City literária, já desguiando para a música, para a roda de samba. E assim a margeei — por exemplo, publicando livros sem torná-los de fato públicos, essas especialidades do ramo! —, com a dignidade de um penetra convicto ao se dirigir sorrateiro à cozinha da festa de bacana atrás de um gole de conhaque. Ora me apresento, entortando Macala: *há um sambista na porta lateral* da literatura! E dela para a p. 5 deste **RelevO** — mandato curto, passa já!

Mó resposta: quem há de superar a verve bem urdida e humorada que faz da prosa da Amanda Vital, *ombudswoman* que sucedo, poema-crônica deste tempo tão certinho das ideias como o Simão Bacamarte do Machado? Prometo tentar não ser mala, atributo honorável para todo escriba, mas vamolá: quantos textos literários citam um samba, um sambista sequer? De orelhada, recordo o João Antônio com seu *Guardador* dedicado a Cartola, livremente inspirado no episódio em que Stanislaw Ponte Preta *encontra* o vate de Mangueira a lavar carros na lindona Ipanema das bo\$\$as.

★

Ao inaugurar este *ombudsdito*, na música me apoio para me acercar de palavras que dizem das de outrem, ante o diverso *corpus* textual de cada edição. E assim *vumos diretos pra delegacia* (bença, João da Baiana!) tratar da de dezembro e da parte que me cabe, neste *literafúndio* (ui!): a ilustra de Gilberto Marques nos fita, olhos cerrados, a se perfilar entre a arte cega que seria a expressão máxima do desenho posta a dialogar com a rasura da memória, como sustentou Derrida. Bolívar Escobar dá rasante sobre a história do pensamento pegando de mote... uns *memes clássicos*! E eu achei bonito, viu? Também jogo no time da *não metafísica*.

O relato de Gumbrecht, em tradução de Bellin, sobre seu almoço com Foucault evoca a (des)graça dos encontros que morrem no quase da expectativa com que se forjaram. O que se teria sucedido de nossas vidinhas se eles vingassem, os danados? Não sei você, leitor(a) — eu fujo das desinências neutras, sobram-lhes bons intentos, falta-lhes musicalidade e a mim, ainda, a crença de que tornam melhor o mundo do deus Algoritmo e do sushi como área de interesse no Tinder —, mas vi tristeza, ainda, nas sugestões *niilisterárias* de Lucio Carvalho (juro caçava um *delirium tremens* se lesse um livro ilustrado por *selfies*!); e no Waltel *milionário do ritmo* de Felipe Aníbal. Ou seria *amargura*, termo em desuso? Aliás, *amor e paixão*, sei lá também, viu, Giovana Erthal, vale entrar na fila? Lacrar, na rede, cagando regra de relacionamento tem dado mais *like*, mormente se o relacionamento for do *eu para com ele mesmo*, o que a literatura médica anterior à pós-contemporaneidade sempre considerou como esquizofrenia. Vale também ouvir e cantar pagonejos em seitas comandadas por DJs. Ah, misturo tudo mesmo e, como reza o anúncio-manifesto da cZara: *Foda-se o frete, camarada!* Aqui é pirataria, embora eu ainda compre e (pouco) abandone livro pela meiuca, Enclave! O espaço vai curto: teve ainda poema (bem) ornado por Maria Joanna; Mylena Queiroz em tom ensaístico a discorrer dos *recadeiros da terra* Nego Bispo e Conselheiro; e Mistral fechando no duro do poético uma edição que flertou bastante com a aridez.

★

Música — sentido-algo a que o velho Schopa se apegou a fim de nomear o mistério maior das coisas. Meu amor é bifurcado como o título do último Jards: poesia & música — se bem *amalgamadinhas*, hum... Sigamos a errar o (com)passo, próxima edição, Carnaval a vir?

Cândido Magnus

Ascensão e queda do Clube de Literatura do Café no Cocô

Meu irmão sempre andava com pressa, de tal modo que, quando lhe sobrava tempo, ele esperava mais um pouco, para já começar atrasado. E nessa ânsia de fazer tudo correndo, criou o hábito de terminar o desjejum na privada: fundou assim o Café no Cocô.

Descobri isso ao reparar que, com frequência, ele saía para o trabalho deixando a caneca vazia no banheiro, depois de longa estada por lá. E pensei: “Quem em sã consciência cagaria tomando café? Esse grão, que é tão nobre, que é tão tradicional da nossa cultura, como poderia alguém profaná-lo misturando o seu aroma com o cheiro de cocô?” E o recriei duramente em meu pensamento!

Quanto a mim, eu tinha igualmente o hábito de tomar café pela manhã, em geral duas xícaras. No entanto, por infortúnio, costumava acontecer de, na segunda dose, me dar vontade de cagar, e, como eu repugnava a ideia de levar a bebida comigo, ela ficava do lado de fora, tristemente esfriando. A solução óbvia — qual seja, servir outra dose — me parecia absurda, porque

três xícaras de café pela manhã, ainda que apenas nominalmente, era demais para mim, e não me caía muito bem.

Certa vez, eu havia acabado de servir a segunda xícara quando me veio a vontade, e o café, naquele dia especialmente, estava delicioso! Então eu pensei: “Por que não?” E de repente — que maravilha! que experiência! A união de dois prazeres de naturezas tão diversas me ensinou que o mundo pode, sim, ser um lugar feliz! Fiquei revoltado com meu irmão por não ter me alertado antes para o que eu estava perdendo... Um prazer tão puro, tão legítimo, mesclado à mais alta eficiência da produtividade humana, não poderia ser exclusividade de um homem só.

Após divulgar aquela novidade, porém — o Evangelho do Café no Cocô —, descobri que a prática já possuía outros adeptos, homens que tinham no momento do Café no Cocô uma afirmação da própria virilidade — da própria liberdade até! O Café no Cocô não representava mais um mero hábito isolado de um indivíduo querendo fazer duas coisas ao mesmo tempo. Não! Café no Cocô

era um estilo de vida, uma religião. Grupos no mundo inteiro se formaram para compartilhar fotos de si mesmos desfrutando daquele momento. Mas não parou por aí.

Anterior ainda ao Café havia a Leitura: um modo de, como diria meu pai, “valorizar a cagada”. Um dia vi-me levando livro e café ao banheiro, mas algo ainda faltava... Faltava comunhão! Porque a alegria só é completa quando compartilhada. E pensei: “Por que não?” Foi assim que mandei instalar uma segunda privada no banheiro, e uma terceira, e uma quarta... E por fim inauguramos o primeiro Clube de Literatura do Café no Cocô!

O Clube cresceu, e em pouco tempo tínhamos sedes espalhadas por todo o mundo, algumas contendo até 250 privadas em que homens de todas as idades discutiam alta literatura enquanto cagavam e apreciavam o mais nobre café. Entretanto, o Clube começou a sair do controle quando começaram a aparecer os degustadores de vinho. Logo apareceram os cervejeiros artesanais e o Clube degenerou em festa e jogatina. Os homens não iam

mais para os banheiros discutir temas elevados e tomar o melhor café, mas para jogar baralho, ficar bêbados e trair suas esposas. Os Clubes viraram puteiros. “Nada melhor que dar aquela cagada enquanto alguém chupa o seu pau!” Santo Deus! “Truco!”

Algo que era uma celebração da perfeita união entre matéria e espírito se tornou isso... Pedi que tirassem o meu nome da Confederação Internacional do Café no Cocô e, com isso, muitos outros nomes relevantes saíram: Keanu Reeves, Steven Spielberg, Jordan Peterson, Bono Vox. A Confederação não resistiu.

Hoje restam apenas Clubes clandestinos, totalmente desprovidos da pompa e do glamour que ostentavam outrora. E o sonho de um mundo unido por nosso ideal desceu privada abaixo!



O mundo em 2065 / Tolkien e Guimarães Rosa / A ficção científica no cordel / Arte e Transgressão / The Pulp Jungle / O livro que mudou minha vida: The Encyclopedia of Science Fiction / Assombro e abutamento: as Cebéias Marcianas / O Herói e as sombras do mundo / Célio Wilson, um presentador do Outo / O efeito Hoes / Como era o ano 2000 / Os Benos: uma defesa da ficção pseudo-histórica / A folk fantasy de Marly Wade Blanton / Jorge Luis Borges e as Lendas Urbanas / A visão atômica em Diamond e Augusto dos Anjos / Os labirintos de aventuras de professor Malba Tahan / O folhetim: uma leitura misteriosa / The Void: From Borges's Being to Pere's Nothingness / Em defesa da literatura hard / RPG e Arte / Statira, e Zoroastes: Uma fantasia oriental de 1826 / As aventuras de Dick Peter / A Rainha do Ignoto: Uma utopia romântica de 1899 / Entrevista com Tim Powers / As guerras e as estrelas

Título: Não Ficções - a Literatura, a Ficção Científica, os Escritores e seus escritos
Autor: Braulio Tavares
Número de páginas: 192
Preço: 84 reais



www.bandeirola.com.br

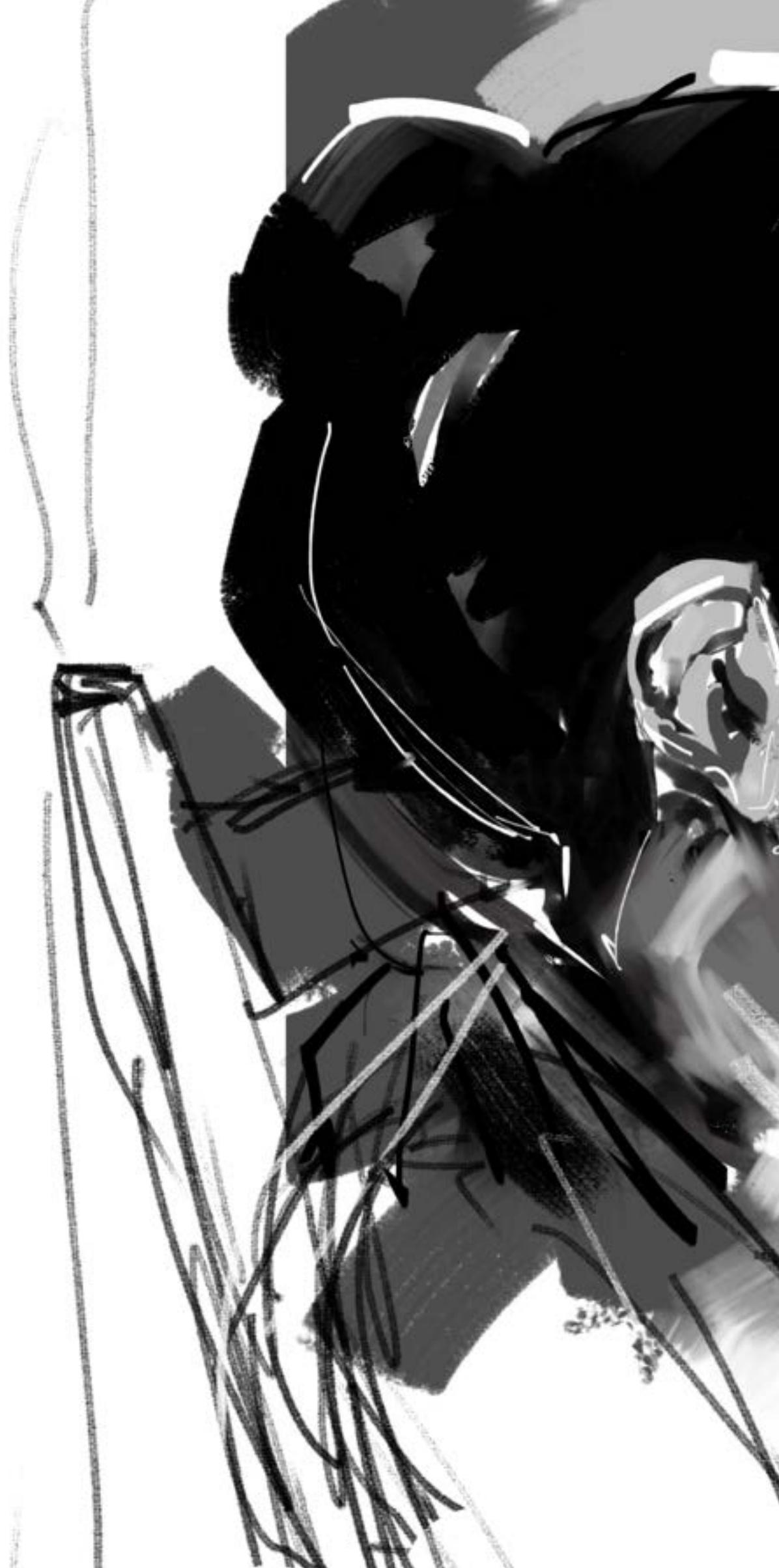


Introdução / O véu de familiaridade e a suspensão de descrença / O Infamiliar da Psicanálise Repetições e a compulsão à repetição: Telepatia - Onipotência dos pensamentos - Autismo - Retorno do reprimido - Morte, cadáveres e retorno dos mortos, espíritos e fantasmas - Loucura, epilepsia e outras doenças - Partes do corpo humano - Ser eterno vivo - Solidão, silêncio e escuridão - Antropomorfismo ou humanização - Autismo - Linguagem
O Estranhamento do Formalismo Russo / Semiologia, mito e contramito / A leitura do mito / O Efeito-V / O Estranhamento Cognitivo da Ficção Científica O Estranhamento na Ficção do Antropoceno / Conclusão / Referências

Título: Um Estranho tão Familiar - Teorias e Reflexões sobre o Estranhamento na Ficção
Autor: George Amaral
Número de páginas: 128
Preço: 60 reais



www.bandeirola.com.br
atendimento@bandeirola.com.br



Editora
Penalux
Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br

originais@editorapenalux.com.br

Erlândia Ribeiro

Acidentes

um microacidente é também um estouro
 um descuido um tropeço um gesto não pensado
 assim como o vento da tua pronúncia
 que é milagre
 e desastre
 na mesma medida

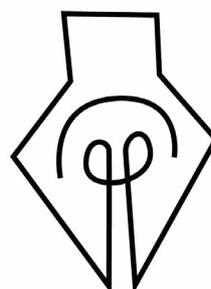
quando ancorarem os barcos
 nesses antigos e tristes portos
 eu estarei me despedindo
 e me despindo
 de todo mal
 a morte virá
 e eu cega
 pensarei
 que na verdade
 seguro
 tuas mãos frias.



SINETE
 editora

Valorizando a literatura
 brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.
editorasinete.com.br



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

 **FLESCH_NOTES**

Prolegômenos da maromba niilista

Não treine enquanto eles durmam: treine enquanto eles treinam. E depois durma. Enquanto eles treinam.

Opa e aí seu frango, tudo bem?? Haaaahahaha calma! Não estou te xingando, chamar alguém de “frango” é apenas uma brincadeira muito popular entre os meus amigos “marombeiros”. Outras brincadeiras também incluem postar frases motivacionais nas redes e gritar quando estamos em contato com algum aparelho muito pesado.

Poucas coisas são mais tristes e desoladoras do que começar a frequentar a academia. Não porque é um local deprimente, não é nada disso. Muito ao contrário: são espaços amplos, bem iluminados, com música cujos ritmos remetem à festa e à algazarra. O motivo único e singular da desolação é essa inevitável constatação: ir para a academia não pode ser uma fase, algo que você faz por uns três meses e pronto. Trata-se de um compromisso, um contrato que você assina pro resto da sua vida. Se você quer que os exercícios que você fez essa semana valham à pena de verdade, então respire fundo, pois não tem mais como parar. Você precisa continuar calçando seus tênis, enchendo sua garrafinha d’água e indo até o templo do suor por ao menos duas ou três vezes para cada semana que lhe resta como habitante desse planeta.

Vamos supor que cada sessão de puxação de ferro dure uma hora, e que você a repita por 3 vezes semanais. Se você iniciou suas atividades acadêmicas aos 30 anos com perspectivas moderadas de se aposentar aos 80, então você tem mais ou menos 7.800 horas de academia pela frente! Não é legal? Pense que isso é menos que o tempo que você gastará lavando louça também nos próximos 50 anos (cerca de 14.000 horas, se você tem um método consistente e não gasta mais do que uma média de 16 minutos diários nesta função).

Esse tipo de informação não deveria desmotivar ninguém. Na verdade, não há nada melhor do que um pouco de ciência exata para nos situar em relação ao nosso papel nesse universo físico.

Embora eu já tenha escrito algumas palavras sobre minhas experiências no mundo da maromba, não me considero nem próximo de ser uma autoridade na arte do ganho da massa muscular. Nunca foi meu objetivo: a prática da musculação se dá justamente como uma forma lamentável de justificar meus excessos no consumo diário de carboidratos, álcool e demais formas de autodestruição. É a

velha máxima do equilíbrio entre vida saudável e pulsão de morte. Também não sou elegível como cronista da vida *fitness* nem nada do tipo. Eu, por mim, jamais me sujeitaria a isso. Praticar exercícios, ser saudável, comer salada, eu não acredito nem um pouco que essa seja a única forma válida de criar sentido para a própria vida. Quero dizer, vá em frente, faça tudo isso, mas não espere palavras de entusiasmo de quem pensa muito mais do que deveria em bolos e tortas recheadas.

Entretanto, em novembro de 2023, completei exatos 10 anos de frequência de academias. Como foi possível nunca ter largado mão disso tudo e continuar firme na supinação semanal? Confesso que, o que antes era um mistério, pode estar ficando cada vez mais claro. Hoje, mesmo aos domingos e feriados, eu entendo a força que me faz continuar, e não necessariamente é a dos músculos. Por isso, essa edição da newsletter é dedicada ao que chamarei de

Três Argumentos Para Não Desistir da Academia Ou Também Para Desistir Mas Sem Precisar Ficar Com Aquele Peso na Consciência

Vamos ver se consigo elaborar algumas palavras para transmitir um pouco da minha *filosofia de não-desistência acadêmica*. Isso é muito diferente de dicas para montar seus treinos (embora eu possa afirmar com certeza de que você deve combinar músculos sinérgicos); também não é uma promessa motivacional ou garantia de resultados (palestras motivacionais custam caro e o acesso a esse conteúdo é gratuito). É apenas um conjunto de parágrafos dedicados a você que precisa de alguma estratégia esdrúxula e descabida para se convencer a começar, recomeçar ou continuar puxando ferro.

1. O Enigma da Esfinge, como o próprio nome já diz, é da Esfinge (não seu)

Todo mundo que já tomou a péssima decisão de fazer aquele primeiro treino gratuito na academia acabou sendo interpelado pelos instrutores uniformizados com um questionário básico. Seu nome, sua data de nascimento, seu peso, se você precisa de estacionamento, se você tem vícios, se você sabe qual é a máquina adutora e qual é a abduutora. Eventualmente, a pergunta fatal é disparada: *qual é o seu objetivo?*

Apesar de parecer difícil esgotar a possibilidade de soluções para tamanho enigma, o escopo de respostas possíveis geralmente acaba se dividindo em duas possibilidades. Ou você está querendo perder peso, queimar calorias, reduzir seus números de um modo geral; ou é o oposto: você quer ganhar massa, ficar forçado, ganhar muque. *Virar monstro*. É aqui que entra o aspecto central do meu primeiro argumento: **nenhuma dessas duas respostas é a certa**. Se você já entra na academia com um objetivo desses interiorizado, cristalizado, então são altíssimas as chances de você abandonar o projeto depois de alguns meses.

Não é errado querer perder peso ou ganhar massa. Na verdade, são motivadores iniciais muito válidos. Meu ponto é que tanto um quanto o outro implicam em coisas muito mais abrangentes do que ir pra academia fazer musculação. Ao começar a perder peso, o corpo humano liga os dispositivos de emergência, começa a sentir mais fome, inicia um racionamento energético. Isso acontece porque o corpo humano é feito pra sobreviver, não pra ser sarado. Ganhar músculo também não é uma questão de ir lá e ficar cansado e pronto. É preciso método, cálculos calóricos, *personal trainers*, um escambau de coisa.

A puxação de ferro torna-se apenas mais um ingrediente no meio de um sopão que também inclui dieta, mudança de hábitos, qualidade do sono, suplementação, reorganização de agenda, exames, aquisição de materiais esportivos. A gente logo percebe que atingir esses objetivos não vai demorar 3 meses, nem 6. É coisa de um ano até os primeiros efeitos da vida de maromba se tornarem perceptíveis, e, até lá, muita gente joga a toalha percebendo que essa vida ingrata não leva a nada.

Ganho de massa ou perda de peso talvez seriam melhor entendidos como consequências do que como objetivos. É uma mudança de perspectiva bem jaguara, mas funciona, porque talvez seja o necessário *pra parar de pensar nisso* (vide próximo argumento). Entretanto, a consequência trágica é a insistência do enigma: afinal de contas, qual deve ser então o meu objetivo para fazer qualquer atividade física?

Se ganhar ou perder peso não são respostas fortes o suficiente para validar o suplício do corpo, obviamente devemos buscar justificativas com âncoras emocionais mais bem encaixadas. O objetivo do

treino precisa ser visceral, precisa ser um propósito sanguíneo, maquiavélico. Esqueça o amor pelo próprio corpo, é preciso deixar o ódio falar mais alto nessas horas. Não procure razões externas, motivos nobres, não racionalize. Quando o instrutor perguntar sobre seus objetivos, não responda que quer emagrecer ou ganhar músculo. Responda apenas: *vingança*.

DI VOCÊ QUER O PLANO
PRA FICAR MELHOR
COMO PESSOA OU PRA
FICAR MALUCO
EU QUERO FICAR GRANDE
E PARAR DE SENTIR
EMOÇÕES HUMANAS
FICAR MALUCO ENTÃO



A melhor tirinha sobre a vida de puxação de ferro: Academia FuckMuscles, por Drontocore.

2. A academia não é a solução para os problemas. Ela é mais um problema que precisa ser resolvido

Nada ilude e alegra mais o espírito humano do que a promessa da paz. Sempre acabo me lembrando de uma célebre máxima atribuída a Platão: apenas os mortos conhecem o fim da guerra. Gosto de levar esse tipo de pensamento comigo quando reflito sobre a necessidade de puxar ferro. Tão perigosa quanto a vontade de largar tudo, a ideia de transformar a musculação em um estilo de vida me é assustadora tal e qual.

É necessário parar por um segundo e considerar as consequências vis do primeiro argumento que descrevi. A partir do momento em que encontramos uma motivação *plausível* para praticar musculação, é muito fácil que a coisa acabe degringolando para uma subversão, ou que acabe se tornando uma paródia de si mesma. Desta vertente corrupta de pensamento, desenvolve-se a invasão de *influencers*, proselitistas e evangelistas da maromba, os milhares de acólitos patrocinados por marcas de suplementos, calças *legging* e barrinhas de cereais. Preciso esclarecer, desde já, que

esse não precisa ser necessariamente o objetivo da vida acadêmica. Na verdade, esse movimento gera graves consequências para nós, pessoas extremamente normais.

Desta forma, que surge em torno da academia é uma espécie de estética da maromba. Criam-se parâmetros e imaginários inatingíveis, cujo mais direto impacto incide na motivação para continuar se exercitando. Afinal, como poderia eu ficar igual aos rapazes e moças dos anúncios, das novelas, dos Reels? Espelhar-se na mídia é uma péssima estratégia desde que começaram a fazer filmes sobre policiais e soldados espertos. O que estou querendo dizer, em resumo, é que interpreto essa tendência como uma completa aceitação da academia como forma de conferir sentido à própria vida. É muito importante, portanto, aceitar que a academia não é uma solução. **Ela é apenas mais um problema.**

Explico. A partir do momento em que você deposita na musculação a esperança de resolver seus problemas, suas expectativas fatalmente coincidirão com dois destinos possíveis. Seu comprometimento fará com que você aceite a estética da maromba, busque adequar-se à performatividade do contexto e, em breve, sua vida será ocupada, em grande parte, com os elementos dessa estética. Esse sentir-se bem enquanto está na academia é perigoso porque basta uma gripe, uma intoxicação alimentar, uma lesão no ombro ou uma pandemia do novo coronavírus para descobrir que, pasmem, é preciso buscar sentido em outros lugares enquanto as portas do salão estão fechadas. Mais grave que isso seria, porém, o segundo destino: entregar-se de corpo e alma à academia e, ainda assim, descobrir que os problemas da sua vida permanecem. Levantar pesos, fazer prancha e correr na esteira podem não ser suficientes para aplacar a desolação da vida na sociedade capitalista.

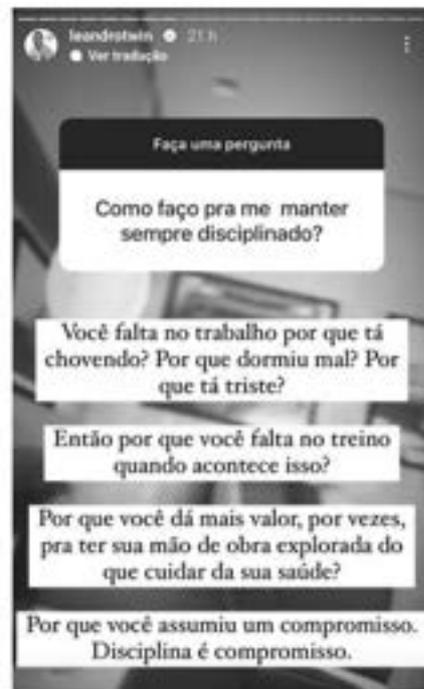
Por isso, minha sugestão é fazer um esforço para reposicionar a academia. Se pararmos de acreditar que ela é a solução, é muito fácil torná-la apenas mais um problema, um item da sua lista de afazeres diários que precisa ser riscado. Ao contrário dos problemas complexos, que exigem uma carga mental absurda para serem encarados, desmontados e solucionados, a academia é um problema idiota, simples. É um problema muito fácil, é só ir lá e puxar as coisa. Puxar as cordinha, erguer as bolinha. Você não precisa desenhar fluxogramas e construir protótipos para concluir suas 4 séries de remada. Um cachorro treinado poderia fazer musculação se quisesse.

Assim, a academia deixa de ser uma solução para o seu vazio existencial e torna-se uma solução para si mesma. Você pode ir até a academia, praticar sua rotina e, na volta, dedicar-se aos seus amigos, família e animais de estimação como elementos mais interessantes

para o complexo (esse sim!) problema do preenchimento emocional.

Concluindo: é errado pensar na academia como solução, e também não vale a pena ficar tornando-a um problema muito complexo. O ideal é simplesmente não pensar em nada. Quanto mais você pensa na academia, maiores são as chances de chegar à conclusão que o exercício não vale a pena e que é melhor ficar em casa. Sem pensar em nada, você consegue cumprir sua meta de exercícios e esquecer que a musculação faz parte da sua vida logo em seguida. Desocupar a cabeça de alguma coisa significa sempre poder ocupá-la com algo melhor: videogames, esportes, Império Romano, a vida das subcelebridades cariocas, técnicas de armazenamento de restos de comida, extraterrestres do passado, promoções de creatina... ops, desculpe, estava pensando na academia de novo.

3. Compromisso é o caralho



A palavra “músculo” tem origem na expressão que os antigos gregos usavam para se referir aos ratos. Provavelmente, quando eles observavam algum marombeiro movimentando seus braços e costas, eles percebiam o movimento muscular por baixo da pele e comentavam coisas como “olha que engraçado, parece um ratinho caminhando embaixo de um lençol”.

Depois de alguns séculos, as pessoas começaram a dissecar corpos para estudar melhor esses misteriosos músculos e descobriram que eles estão por todos os lugares. Tem músculos na bunda, no rosto, nos olhos, na barriga. O coração é um músculo também. Eles começaram a receber nomes. Cálculos foram feitos para descobrir quanto por cento de músculo tem em um corpo, e como esse número pode ser modificado de acordo com cada tipo de corpo almejado. Embora a prática do atletismo seja muito antiga, a ideia do corpo como um projeto de identidade é mais recente. Frequentar uma academia para treinar músculos sem objetivos olímpicos é um hábito um tanto moderno,

fruto desse pensamento estranho atrelado à saúde, longevidade, álbuns de fotografias padronizados em torno de temas aleatórios.

Justamente por isso, a impressão que dá é que há um tempo específico no qual estamos “cuidando do corpo”, em contraste aos demais momentos do dia no qual cuidamos de outras coisas. Foi Descartes que, sozinho em seu apartamento na França, resolveu decidir que um método válido para ter certeza de que não estava sendo enganado por espíritos malignos seria, antes de mais nada, delimitar um ponto de partida preciso no próprio ato do pensamento. O “penso, logo existo” de Descartes é essa aceitação de uma brecha intransponível entre o corpo e a mente, uma espécie de divisão necessária para acreditarmos que há um domínio próprio do pensamento, cuja relação com o corpo humano é, no mínimo, incompreensível por essa mesma mente.

O chamado “erro de Descartes” resulta nesse dualismo que é praticamente senso comum: na ideia de que há uma mente pensante que ocupa um corpo — este, por sua vez, uma mera casca, um receptáculo para o fantasma que habita nossas cabeças. Desde já, vamos deixar o jogo bem claro por aqui: nosso grupo de estudos rejeita essa cisão cartesiana. A mente humana (se é que existe algo assim) não nos interessa nem um pouco. Tudo que nos pertence, tudo que nós somos é, em última instância, o nosso corpo.

Dessa renúncia à substância mental, decorre a trágica conclusão de que **não há nada para cuidar além do nosso próprio corpo**. Não que a academia seja um equivalente para a terapia. Essa noção é apenas um reforço, parece uma forma de manter o dualismo e reduzir as atividades físicas a um suposto bem-estar mental. Quero dizer, vá lá, esse até pode ser um resultado: exercícios liberam endorfina, sensação de dever cumprido etc. Porém, todos os caminhos levam à inescapável constatação de que estar vivo é, até o momento, estar em contato com o próprio corpo.

Por isso, se serve como terceiro e último argumento não apenas para a academia, mas para se mexer de uma forma geral, é que se você não fizer isso, ninguém o fará por você. Ter um corpo é idiota, ninguém pediu por isso. Mas cá estamos, nesse eterno confronto com a idiotia.

Conclusões precipitadas

Para resumir as ideias desse ensaio em uma frase, podemos dizer: fazer exercício físico requer, ao mesmo tempo, uma motivação válida e uma completa ausência de reflexão sobre o assunto, porque tudo que a gente faz, na vida, é alguma forma de exercício físico.

Espero ter conseguido não soar pessimista: frequentar a academia não é ruim, nem bom. É como frequentar o teatro: você vai lá, observa aquela movimentação estranha de corpos, e depois volta pra casa. Algumas coisas ajudam a manter a assiduidade: ter um grupo de amigos para conversar sobre isso, trocar dicas, compartilhar receitas proteicas. Ter uma playlist boa também. Tênis confortáveis. Só cuidado pra não começar a pensar muito sobre isso. Pense uns 10 minutos e está bom.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Os verdadeiros debates da literatura

O **RelevO** não se orgulha de ser um Jornal com 72 abas na planilhas do Office e de frequentar a academia (não de Letras) em alguns feriados. Reconhecemos nossa incapacidade de fazer boa figura nos melhores simpósios, seminários e anais do segmento porque cansamos de ficar sentados ou sóbrios. Em sessões assíncronas de análise, nos atentamos às questões que realmente nos impactam, depois saímos sem pagar. Abaixo e ao lado, dividimos as verdadeiras preocupações que assolam a nossa Redação para *disromper* o debate literário. É preciso fazer novas perguntas.

Dom Casmurro
(Machado de Assis, 1899)

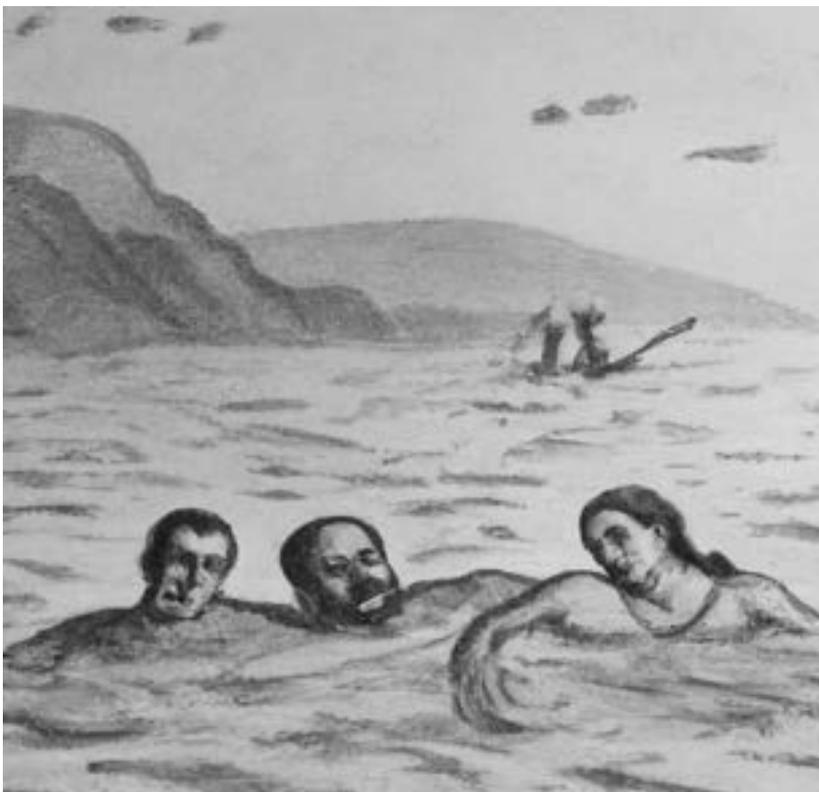
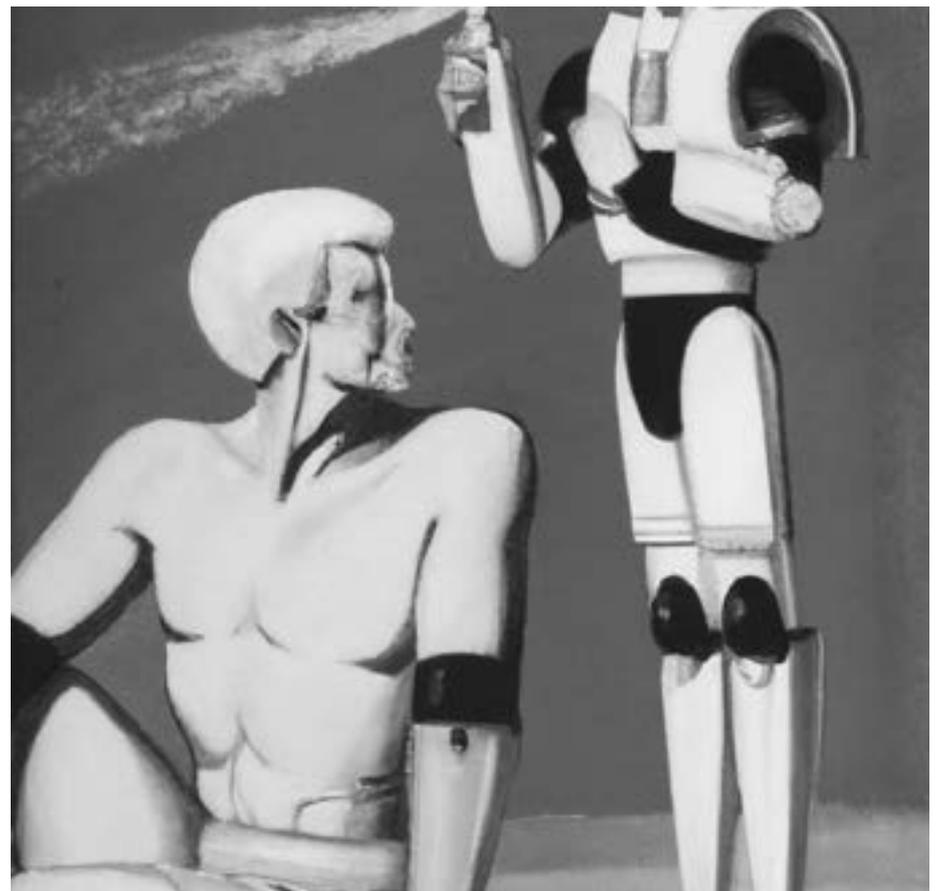
Você sabe, *aquela* pergunta já deu. Já foi explorada por diversos ângulos, pessoas e cenários – se duvidar, até por antigos VJs da MTV. A gente quer saber se Capitu curtia fazer cardio, se o boy dela declarava imposto de renda, se eles comiam tilápia. Qual boy? Irrelevante. Vacilão? Provavelmente. Precisamos mesmo é saber se o pequeno Ezequiel viria a jogar pelo Mengão.seu lixo.

Dom Quixote
(Miguel de Cervantes, 1605-1615)

E aquele final, hein? Não vamos dar *spoiler*, pois sempre respeitamos a regra de 500 anos (motivo pelo qual leitores do **RelevO** só puderam saber o que aconteceu com o território chamado Brazil no ano 2000, completando meio milênio dos tweets que Pero Vaz de Caminha enviou a seus superiores com a primeira piada nativa que eles não entenderam). Enfim, sobre Dom Quixote. Muito papinho, muita conversa. Ah, porque o Borges disse que. Nabokov afirma que. O que a gente quer saber é: o que a gente quer saber mesmo? Sinceramente, esquecemos.

Androides sonham com ovelhas elétricas?
[*Blade Runner*] (Philip K. Dick, 1968)

Androides usam desodorante? Ou usavam, sei lá. Outra época.



A Insustentável Leveza do Ser
(Milan Kundera, 1984)

E se o cara se chamasse Juventus Kundera? O que mudaria na obra? E se ele não fosse tcheco, e sim o meio-campista Tcheco? Queríamos ver essa leveza toda treinando time de Série D no verão brasileiro.

“Tabacaria”

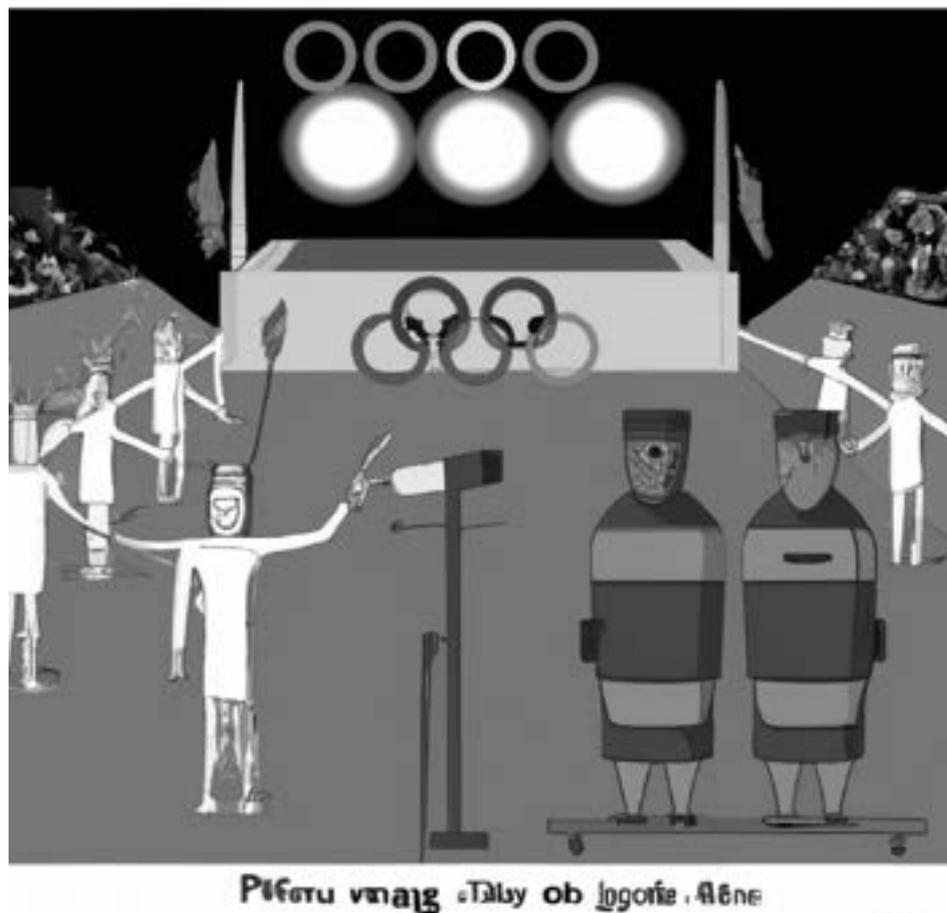
(Fernando Pessoa, 1933)

É verdade que, na Holanda, o poema se chama “Deprimerend blok met veel lichtjes, paddenstoelen en Russische toeristen die naar naakte lichamen wijzen”? (“Quartelão deprimente com muitas luzes, cogumelos e turistas russos apontando para corpos nus”, em tradução livre) Aquele trecho... “(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira / Talvez fosse feliz.)”. Será que ela era gata? Porque o tal Álvaro de Campos certamente não era, com esse papinho aí. *Doomer* chatão.



1984 (George Orwell, 1949)

Como a Oceania compete nos Jogos Olímpicos? Existem Jogos Olímpicos? Tem futsal?



Lolita (Vladimir Nabokov, 1955)

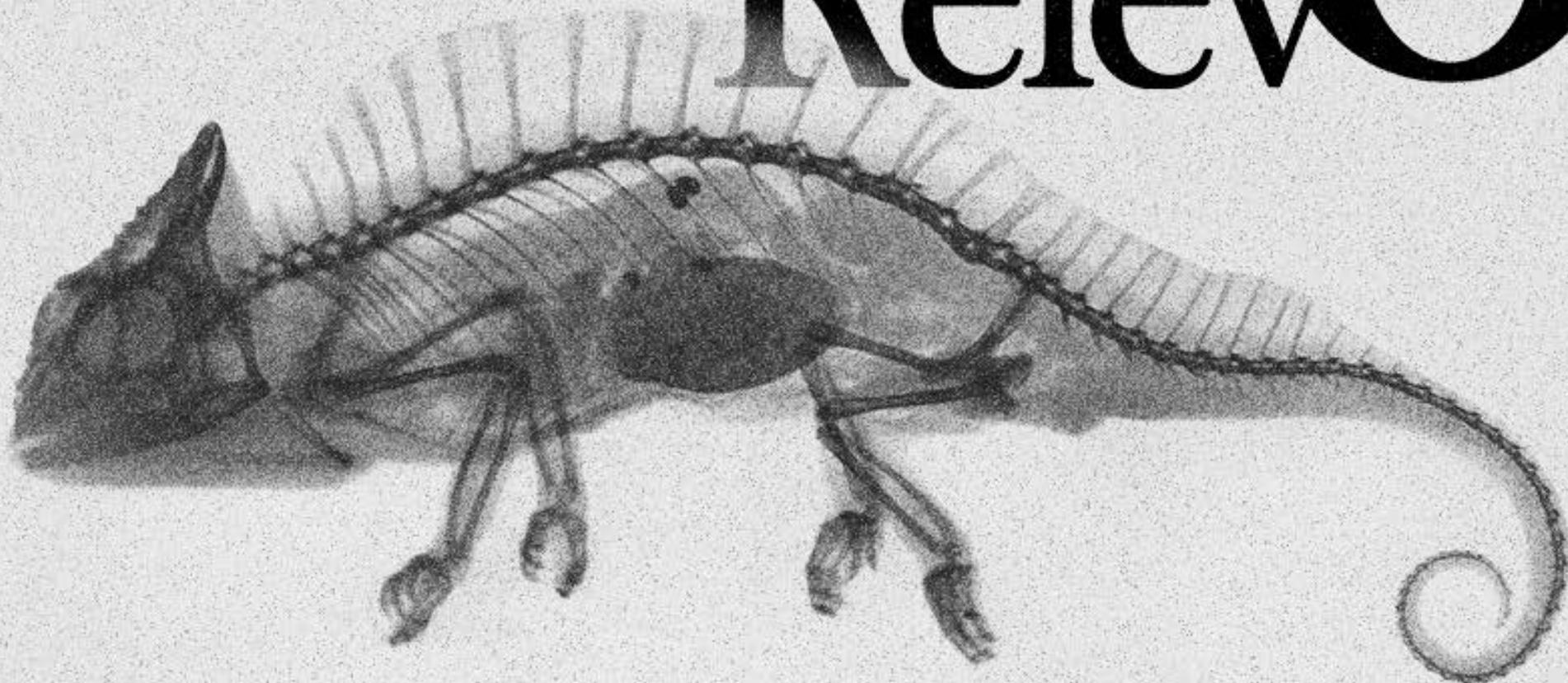
A pequena Dolores torcia para qual time da NFL? “Agora não, Humbert, preciso ver meu Steelers!”. Ela shipparia o casal Taylor Swift & Travis Kelce?

Eram os Deuses Astronautas?
(Erich von Däniken, 1968)

Eram ou não? Ridículo ter que comprar um livro pra saber a resposta; faltou convicção aí. Isso que o cara deu entrevista pro Jô Soares. Aliás, quantos canais de ufologia a menos você seria obrigado a pagar no seu pacote de assinatura de TV se esse livro não existisse?

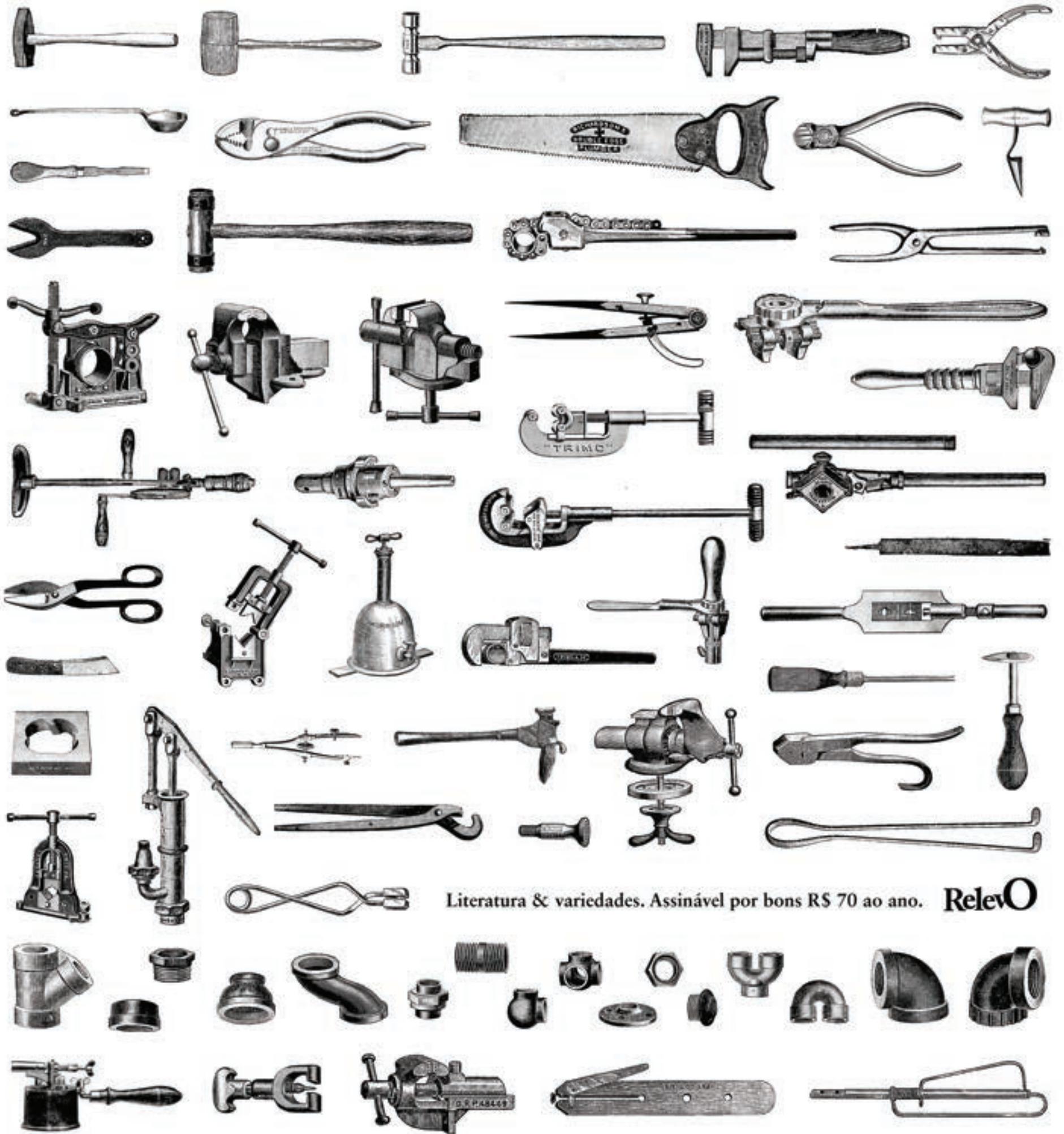
PUBLIQUE NO

Relevo

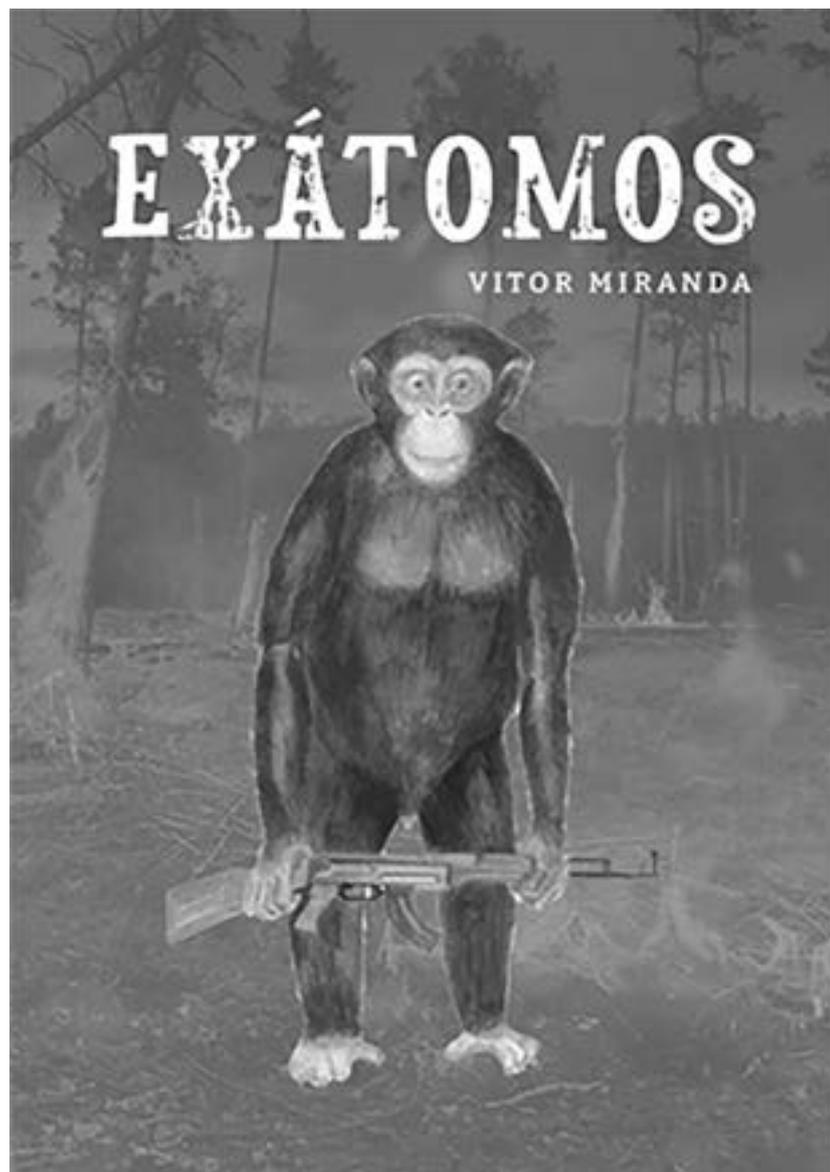


CONTO / ARTIGO / RESENHA / ENSAIO / POESIA

Envie sua contribuição para contato@jornalrelevo.com



Literatura & variedades. Assinável por bons R\$ 70 ao ano. **RelevO**



“a Terra não é plana, mas é chata”

o que somos? o que nos tornamos? ex átomos ou a exatidão deles? exátomos nesse instante onde compartilhamos as relações sociais com a natureza morta que criamos. dividido em cinco sessões, o terceiro livro de poemas de Vitor Miranda, é a fusão de tudo que restou para que sua obra exploda de maneira nuclear os neologismos da criação. cerca de cem poemas que se dividem em *Exátomos*, *Sêmen*, *Eterna Cadência*, *Desastros e Porna!* nascendo nos pensamentos dos filósofos atomistas que não serão perpetuados nas guerras que exterminam crianças, passa pela metalinguagem da eterna cadência da voz poética que discursa sobre o amor e seus astros, até que enfim acaba com o tântrico num vômito onde gritamos todos os palavrões do mundo ao assassinar os poetas.

R\$ 40

136 p.

Selo Neomarginais

[instagram.com/selo_neomarginal/](https://www.instagram.com/selo_neomarginal/)

para adquirir é direto com o autor pelas redes sociais:

[instagram.com/vitorlmiranda/](https://www.instagram.com/vitorlmiranda/)

Nos tira pra dançar

tudo anda assim meio triste
tudo andando em vão
tudo que passa é passado
tudo onde está solidão

penso na tarde de outrora

outra se acabando agora
tem horas que tudo demora
demora a noite a passar
passado passa depressa
presente custa a durar

futuro que não tenho pressa
chega tão breve na festa
nos tira pra dançar

a gente que é de lá
em cá já não sabe onde está
tudo que passa é lembrança
futuro também vai passar

Pó

vivemos intensos
sofremos em demasia
morremos num exagero
viramos poesia

O berço de Newton

há dias em que os tempos são desconhecidos

com o passar do sol pelo céu da tarde
a agulha fincada à medula não anula a dor do mundo

meu gozo foi triturado junto ao teu útero

o corpo oco onde habitam hipóteses

carrega agora em seu interior
um infinito que se expande

para Bárbara Will

As crianças do mundo

as crianças de gaza
não são as crianças
da nossa sala de estar

as crianças de gaza
não estão mais

as crianças de gaza
não são as crianças
de auschwitz

as crianças de auschwitz
não estão adultas

as crianças adultas
não são as crianças
brasileiras do piauí

as crianças do piauí
não estão mais

não estão mais
as crianças do congo

as crianças do mundo
não estão em paz

A mulher que mais pedia no mundo

Certa vez conheci a mulher que mais pedia no mundo.

Eu me encontrava sentada e ela sentou-se ao meu lado. Aliás, ela que me pediu que me sentasse. Disse que eu não crescia mais.

E eu obedeci porque sempre obedeci. As cadeiras eram vermelhas e desconfortáveis. Logo meu pescoço começou a arder. Eu também me sentia tensa, com medo do que mais a mulher me pediria.

Logo que sentei, ela me sorriu com seu sorriso carente. E passado um pedaço de tempo tão curto como minha coragem de estar ali naquela cadeira, naquela manhã, ela me pediu um cigarro.

Eu não fumo, lhe disse. “E por

quê?”, ela me inquiriu. Só porque não gosto, respondi.

“Gente da sua idade gosta de não gostar das coisas.”

Silêncio.

Eu gosto do silêncio e do segredo. Porque no dia em que conheci a mulher que mais pedia no mundo, carreguei o dia todo um segredo tênue e ameno. Carregava em minha pele carregada de sol, carregava em meus pés nem grandes nem pequenos, carregava num mutismo sagrado, numa comicidade jamais dita, numa confidencialidade que nunca poderia envelhecer como eu.

Porque eu envelhecia naquele dia e caminhei por todas as ruas e olhei para quem me pediu que os olhasse e nada

poderia me ler e predizer meu segredo.

E enquanto não parei para sentar-se na cadeira vermelha, não senti nada além da liberdade doce da ignorância, do anonimato. Acontece que me vi a maior devota do anonimato.

Mas quando parei para descansar na cadeira vermelha, não porque eu queria, mas porque assim me pediram, me senti uma tristeza azul, quase intangível como eu, tão acanhada que a deixei ficar.

E quando minha nuca me incendiou, desobedeci, levantei-me e parti. Não antes de ver a mulher que mais pedia no mundo pedir para que lhe pagassem a passagem de ônibus. E ela continuaria pedindo e continuaria pertinente, porque daqui a pouco se chega e aí não se

pode pedir mais nada. Em pensamento, pedi a alguém, qualquer que fosse, que guardasse um lugar para mim.

E logo me constrangi com a lembrança do meu segredo e enquanto já não caminhava mais, pensei o quão fácil é sair de casa com um gosto tão agradável e polido na boca. Gosto que jamais poderia desagradar ninguém.

É preciso ter coragem para andar na contramão.

Para sair por aí com orgulho do gosto amargo, salgado, indelicado e até grosseiro da sua boca.

Para sair andando de olhos fechados, com o cabelo despenteado e discursar alto demais. É preciso ter coragem para pedir.



Um milagre contra o rebaixamento



Para a disputa do Campeonato Brasileiro de 2002, o Paraná trouxe novamente o gaúcho Otacílio Gonçalves, responsável pelo primeiro título do clube em 1991, pelo título da Série B em 1992 e pelo triestadual em 95. Caio virou seu auxiliar e Omar Feitosa o segundo auxiliar. Foi a última edição antes da era dos pontos corridos, em que oito se classificavam para as quartas-de-final. E na primeira fase os times se enfrentavam todos contra

todos, mas em partida única, não havia jogos de ida e volta.

Após uma derrota por 3x2 para o Fluminense no Maracanã, que colocou o time na lanterna da competição faltando dez jogos para acabar o campeonato, Otacílio Gonçalves foi demitido no aeroporto e Caio Júnior assumiu como interino contra o Vitória, no Pinheirão. O Paraná havia tomado gol em 14 dos 15 jogos que havia disputado. Então Caio Júnior optou por

uma formação com três zagueiros, colocando o experiente Roberto na zaga, ao lado de Juliano e Wellington. O Paraná venceu por 1x0, com gol de Márcio Nobre. O treinador foi para a frente da torcida Fúria Independente, que gritava seu nome no Pinheirão. Então resolveu dividir a glória com o auxiliar Omar Feitosa, apontando o dedo para ele. Como a torcida não sabia seu nome, começou o grito: “Careca, careca...”, lembra o torcedor Luis Henrique Wunderlich.

Enquanto o Paraná tentava, sem sucesso, contratar um técnico experiente, mas com perfil menos “paternal” que o de Otacílio, o Paraná perdeu mais dois jogos, para Paysandu e Vasco fora de casa. Abel Braga e Lula Pereira foram contatados, mas não aceitaram o convite. O time tinha 17 pontos em 18 jogos, faltando sete rodadas para o fim. As chances de rebaixamento eram de mais de 90%. Das 26 equipes na disputa, quatro seriam rebaixadas para a Segunda Divisão e a briga na parte de baixo da tabela tinha clubes tradicionais como Internacional, Palmeiras e Botafogo.

Caio Júnior e Omar Feitosa foram até o diretor de futebol, Ocimar Bolicenho, e pediram um voto de confiança para permanecerem no comando da equipe até o fim do Campeonato. Para isso, Caio Júnior teve que se comprometer que adotaria um estilo diferente. Os dirigentes acreditavam que era preciso ser linha dura para escapar do rebaixamento. Na imprensa, Caio adotou o discurso que agradava a diretoria. “Os jogadores terão que dar a vida dentro de campo. Vou passar tranquilidade fora de campo para que isso ocorra. Eu prometo ao torcedor todo esse empenho. Podem cobrar. Não podemos mais sair de campo com a sensação de que faltou alguma coisa a ser feita. A história do clube está em jogo e por isso vamos colocar a chuteira na cara do adversário e lutar pelo

resultado até o último segundo”.

Na verdade, Caio não mudou seu estilo, não tinha e nunca teria o perfil durão, muito ao contrário, muitas vezes foi contestado por isso. Mas ele tinha em seu auxiliar, Omar, o cara ideal para fazer o papel de “brigão” no vestiário. Eles se completavam. Antes do jogo contra o Gama, o presidente do clube, Ênio Ribeiro, chamou Caio e Omar em sua sala para uma conversa. A sala da reunião estava colorida de vermelho, amarelo e verde. Havia balões, cartazes, enfim, tudo muito curioso. O presidente apresentou dois profissionais que faziam um trabalho de psicologia com as cores para identificar a personalidade dos jogadores. Segundo eles, o ideal era ter uma equipe equilibrada, com características que variassem entre os emotivos, os racionais e os mais tranquilos.

Eles acharam tudo muito estranho, mas não estavam em condições de dizer não ao presidente. Era a chance deles. Caio disse para o Omar ficar tranquilo que ele não escalaria o time dos “psicólogos”. Mas ele achou de grande valia num momento delicado do campeonato poder conhecer o perfil dos atletas para melhor se relacionar com eles. “Eu era amarelo e o Neneca era vermelho. Na opinião dos psicólogos, o goleiro deveria ser vermelho. Então perguntei para eles qual era a cor do Oliver Kahn, o melhor goleiro em atividade naquele momento. Depois de uns dias de pesquisa, um deles voltou e me disse que o Khan era amarelo. Falei pra eles, viu só, o melhor do mundo! Então ele me retrucou. Pois é, viu que ele soltou a bola nos pés do Ronaldo no final da Copa, né?”, lembra o goleiro Marcos.

Mesmo diante de dificuldades financeiras e salários atrasados, a pedido da comissão técnica, o clube adotou a concentração de todos os atletas. Inclusive os não relacionados iam até o Pinheirão assistir aos jogos como uma



demonstração de união. No primeiro jogo da série de sete, o Paraná conquistou uma vitória dramática diante do Gama por 2x1 com dois gols de Maurílio, único jogador que tinha duas cores em seu perfil, e um pênalti defendido por Marcos. No vestiário da vitória, balões coloridos e cartazes motivacionais davam o tom da festa. Bolo, doces, pirulitos e balas faziam parte do cardápio dos psicólogos também. “Fiquei realmente emocionado com a choradeira de alguns jogadores no vestiário. Foi uma coisa muito bonita mesmo. Foi demais ver o time inteiro, os 30 jogadores darem as mãos e agradecer a Deus pelo resultado”, disse Caio Júnior na coletiva de imprensa. Uma frase em um cartaz na parede reforçava a filosofia adotada: “Próxima Missão: Juventude”.

A dedicação era tanta que o time não abriu mão de treinar nem mesmo no dia da eleição presidencial, 27 de outubro, quando Lula foi eleito pela primeira vez presidente do Brasil. E se no país prevalecia a estrela vermelha do PT, no Pinheirão brilhava a estrela do capitão do time. Maurílio fez mais dois gols e deu uma assistência para o gol de Márcio Nobre na vitória por 3x1 diante do Juventude comandado por Ricardo Gomes e seu auxiliar

Cristóvão Borges. “Um pouco antes de entrar em campo, minha esposa me ligou e contou que estava grávida do nosso primeiro filho. A comemoração foi com a bola na barriga. Como fiz dois gols, brinquei com ela que seriam gêmeos, mas não foi não. Veio apenas um mesmo”, lembra o atacante.

Uma derrota de 4x0 para o Goiás deixou o Paraná novamente entre os quatro últimos colocados, faltando quatro jogos para acabar o campeonato. Nas três próximas rodadas, o clube venceu o Botafogo na Vila Capanema por 2x0, perdeu o clássico para o Coritiba de Bonamigo por 2x0 e empatou com o Grêmio em 1x1. O cenário da última rodada tinha o Gama já rebaixado e oito equipes disputando para escapar das outras três vagas do rebaixamento; Botafogo com 25 pontos, Internacional com 26, Palmeiras, Portuguesa, Bahia e Paraná Clube com 27, Flamengo e Paysandu com 29. O Paraná só dependia dele contra o Figueirense, do técnico Muricy Ramalho, no Estádio Orlando Scarpelli.

A rodada foi uma loucura. Além de acompanhar o Paraná, era preciso ter as informações dos outros jogos. O time começou perdendo com um gol do lateral Lino, que foi cruzar na área e, com a ajuda do famoso Vento Sul

de Florianópolis, marcou o primeiro gol do jogo. Thiago Gentil fez o segundo para os catarinenses. No intervalo, o Paraná perdia por 2x0, mas ainda não estava caindo. Rebaixados estavam sendo Botafogo, Internacional e Palmeiras. Logo no início do segundo tempo, o Inter fazia o placar de 2x0, necessário para sua permanência. O Palmeiras chegou a empatar com o Vitória, para desespero da torcida paranista. Tenso, Caio Júnior começou a passar mal, sentiu dor de cabeça e não conseguia se comunicar pelo rádio, para desespero de Omar Feitosa, que estava com o outro aparelho na cabine do estádio. Então começou a aparecer mais uma vez o “cara de duas cores”, Maurílio, chamando os atletas para o jogo. E nos últimos 15 minutos da rodada que definiria os rebaixados, os ventos ficaram favoráveis. Em Salvador, Zé Roberto fazia o terceiro do Vitória, que acabou vencendo por 4x3 o Palmeiras. Em Floripa, Maurílio fez um gol de pênalti e outro com a assistência de uma aposta de Caio Júnior no segundo tempo, o lateral Marcelo, que não havia feito nenhum jogo em todo o campeonato. Na verdade, ele foi para a Vila Capanema a pedido de Otacílio Gonçalves apenas para recuperar o preparo físico. Acabou sendo

inscrito e teve participação decisiva na luta contra o rebaixamento.

Botafogo, Gama, Palmeiras e Portuguesa foram rebaixados e o Santos foi campeão de 2002 após derrotar o São Paulo, nas quartas-de-final; o Grêmio, na semifinal, e o Corinthians, na final com as pedaladas de Robinho. A comemoração pelo milagre do não rebaixamento aconteceu com um jantar no caminho de volta a Curitiba no restaurante Sereia, em Itapema. “O mais importante é que Caio sempre dizia que conseguiríamos. Mesmo quando éramos derrotados ele passava tranquilidade. Com uma fala simples ele passava a mensagem. Além de um excelente conhecimento técnico, ele sabia fazer a gestão do grupo como ninguém”, lembra Marcos, que ficou em terceiro lugar na Bola de Prata da Placar e, ao lado de Maurílio, com 14 gols, e Márcio Nobre, com 12 gols, formaram os três ‘Ms’ que ajudaram o Paraná permanecer na divisão de elite do futebol brasileiro.



Natan Schäfer

Marco Argentário encontra um sósia

Em 2017 me lembro de, no pátio da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, contar para um jovem aspirante a poeta trágico uma ideia com a qual eu então andava às voltas: escrever uma série de pastiches de versadores da Grécia Antiga, porém daqueles menores ou pouco conhecidos do já diminuto público leitor de poemas. Naquela época, desconhecia Pascal Quignard e sua obra — ou melhor, apenas tinha ouvido um professor de latim e tradução mencionar o seu nome e torci o nariz, achando que se tratasse de algum literato aplaudido por uma claue tão insossa quanto ele próprio, embora quem o indicara não fora necessariamente um literato insosso. Anos depois, ao ler *A razão* (Autêntica, 2013), percebi que quem estava redondamente enganado era eu.

Esses dias, arrumando alguns livros nas estantes, encontrei no meio da antologia *Poesia erótica em tradução* (Companhia das Letras, 1990), de José Paulo Paes, as primeiras anotações referentes àquela ideia, que não seguiu em frente. A maioria dos versos rabiscados é, como era de se esperar pelo volume no qual foram guardados, de teor sexual e, não por isso evidentemente, hoje me parecem de interesse muito restrito.

Entretanto, o pretenso epigrama, mais juvenil do que Juvenal, que apre-

sento abaixo me parece minimamente digno, se não como item de valor, enquanto memento de um tipo de conduta com relação às letras que continua despertando minha curiosidade e que, a meu ver, deve ser incentivado, de modo que o seu florescimento deixe as livrarias mais temperadas.

Eu mesmo já não lembro mais exatamente os métodos de escrita dos versos em questão. Contudo, pelo título — “Marco Argentário - ep. 128” — me parece que se trata mais de uma espécie de tradução da tradução ou de uma imitação do que de um pastiche propriamente dito — enfim, sem dúvida uma tentativa de estudo mediada pela criação.

Por isso, apresento também o poema ao qual ele se refere, como disse, traduzido por José Paulo Paes, e junto ao qual aquele exercício até hoje se mantivera escondido. Quero crer que exibir assim descaradamente a ingenuidade e as limitações de um universitário possam constituir um convite não só ao universo de figuras eminentes como Pascal Quignard e Jorge Luis Borges, mas também de outras menos bem-vindas nos cânones e catálogos brasileiros, como César Aira, Pablo Katchadjian, Arno Schmidt, Joyce Mansour e tantos outros que efetivamente *vivem* suas bibliotecas.

Exceto por algumas mínimas correções e uma pequena alteração no último dístico, apresento o poema tal qual anotado em 2017.

Além disso, não poderia deixar de observar que esse exercício faz pensar na potencial contradição ocasionada pela existência de um sósia de um desconhecido, a qual mereceria ser desenvolvida pois talvez eu, e inclusive você, sejamos um.

★

Marco Argentário

Ep. 128

Trançando nossos membros,
pernas e braços quatro vezes enosados,
estendi a língua em sua boca
e na minha recebi a dela.
Se queres saber o resto
pergunta a qualquer astro ou alado:
nossa cabana tem furos no telhado

Natan Schäfer

MARCO ARGENTÁRIO

Teta contra teta, apoiando meu peito sobre o dela,
uni meus lábios aos doces lábios de Antígona
e a carne possuiu a carne. Do resto nada digo:
dele somente a lâmpada foi testemunha.

Livro V, epigrama 128

***você tem
um livro de poesia?***

***nós temos
seus leitores***

***envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia***

COBERTURA DE EVENTOS CULTURAIS, EXPOSIÇÕES, RESENHAS, COBERTURA DE SHOWS, TUDO ISSO E MUITO MAIS VOCÊ ENCONTRA NO SITE

CRIPTO CULTURAL

ACESSE

[HTTPS://CRIPTOCULTURAL.COM.BR](https://criptocultural.com.br)

E @CRIPTOCULTURAL NO INSTAGRAM.

FIQUE POR DENTRO DE TUDO!





Rodrigo Garcia Lopes

Poemas de *O Enigma das Ondas* (Editora Iluminuras, 2020; Officium Lectoris, Portugal, 2022)

O som e o sentido

Nada foi perdido
nada jamais tido
entre a pedra e a perda
entre o vidro e o vivido
entre a onda e a sombra
entre o ritmo e o rito
entre o sonho e o sol
não ficou vestígio.

Só o som ficou
entre a letra e o espírito
no instante dito
no ar sumido
e este estar estrito
e este silêncio escrito —

tudo foi sentido

Idílio

Uma carroça passa
pesada de acácias.

O mar e seu manto
de brancas feridas.

Mãos frias naufragam
na manhã sem lábios.

Árvores eriçadas. Luz antiga.
Estilhaços de névoa.

Revoada de pássaros negros.
Sombras em carne viva.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

"A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais", sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de "verdade" e "mentira". "Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático", diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de "verdade" e "mentira". "Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático", diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).

editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir



Matilde Campilho

Trecho de "Notícias escrevinhadas na beira da estrada"

Francis Crick achou o desenho do ADN e escreveu a seu filho só para dizer que "nossa estrutura é muito bonita". Estrutura, foi o que ele falou. Antes de despedir-se ainda disse: "Quando você chegar em casa vou-te mostrar o modelo". Isso não esqueça os dois pacotes de leite, já agora passe a comprar pão, guarde o resto do dinheiro para seus caramelos, e quando você chegar eu te mostro o mecanismo copiador básico a partir do qual a vida vem da vida. Não sou de choro fácil mas um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos me comove. Cromossomas me animam, ribossomas me espantam.